



## A HISTÓRIA CONTADA EM UMA RODA DE CONVERSA DE HOMENS NEGROS DE BRASÍLIA

*Vinicius Dias Cunha<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo versa sobre a experiência de 1 ano de execução da “Roda de conversas de homens negros de Brasília”. Tal atividade é executada quinzenalmente e reúne cerca de 20 homens negros a cada encontro. Nestes encontros os participantes discutem temas que tocam diversos aspectos da condição social do Ser Negro no Brasil, bem como outros temas de interesse do grupo. Os temas são decididos pelo grupo um encontro anterior e discutidos de forma mais aprofundada no encontro seguinte. Tal espaço possibilitou visões mais críticas do racismo e novas formas de ver o mundo por estes homens. Através do encontro entre os pares e a reflexão que a junção entre pessoas pretas causa na subjetividade dos participantes.

**Palavras-chaves:** Homens Negros, Saúde mental, Racismo, Brasil, Aquilombamento.

### A STORY TOLD IN A GROUP OF BLACK MEN CONVERSATION IN BRASÍLIA

**Abstract:** This paper explains about with the experience of 1 year of execution of the “Roda de conversas de homens negros de Brasília”. This activity is performed biweekly and gathers about 20 black men at each meeting. In these meetings the participants discuss topics that handle various aspects of the social condition of the Black Being in Brazil, as well as other topics of interest to the group. The themes are decided by the group at a previous meeting and further they are discussed at the next meeting. This space allowed more critical views of racism and new ways of seeing the world by these men through the meeting between these pairs and the reflection that the junction between black people causes in the subjectivity of the participants.

**Key words:** Black Men; Mental health; Racism; Brazil; Aquilombamento

---

<sup>1</sup> Psicólogo, atua em consultório clínico e grupos terapêuticos que perpassam a questão racial. É integrante da roda de conversa de homens negros de Brasília. Em sua trajetória profissional teve passagem pela Secretaria da criança, adolescente e juventude do Distrito Federal e a Secretaria de Segurança Pública do DF, porém sua maior satisfação está na contribuição profissional em diversas entidades sociais que já passou no Rio de Janeiro e Brasília. Acredita que as instituições sociais são as grandes fomentadoras das políticas públicas nos territórios. Faz parte da Articulação Nacional de Psicólogos/as Negros/as e pesquisadores/as do DF - ANPSINEP-DF. E-mail: [viniciusrede@gmail.com](mailto:viniciusrede@gmail.com)



## RELATO DE UN CUENTO EN UN CONVERSATORIO COLECTIVO DE HOMBRES NEGROS EN BRASILIA

**Resumen:** El presente trabajo se refiere a un año de experiencia en la ejecución de "Ruedas de Conversación de Hombres Negros de Brasília". Fueron realizados encuentros con los cuales reunieron alrededor de 20 hombres negros en cada momento. Cada encuentro fue guiado por temas de interés colectivo y que eran debatidos con profundidad, dichos temas siempre eran elegidos en la reunión anterior. El espacio de conversación ha posibilitado a los hombres asistentes visiones más críticas acerca del racismo y consecuentemente nuevas formas de ver el mundo. La reflexión de cada participante se vio potenciada por los vínculos afrocentrados. En este sentido, el encuentro y el vínculo entre personas negras resultó central en las conversaciones para comprender su propia racialización (subjetividad racial/racializada).

**Palabras claves:** Hombres Negros, Salud mental, Racismo, Brasil, Aquilombamiento.

## HISTOIRE RACONTÉE DANS UN RENCONTRE DES HOMMES D'ASCENDANCE AFRICAINE À BRASÍLIA

**Résumé:** L'article s'inscrit vers l'expérience d'une année auprès la réalisation du projet « Dialogues entre hommes d'ascendance africaine à Brasília ». Cet activité est réalisée à chaque quinze jours et il y a un public de vingt hommes d'ascendance africaine par activité. Dans ces rencontres les participants ont des dialogues à propos des sujets que sont concernants à différents aspects de la réalité du Être Noir au Brésil, aussi bien qu'autres sujets à l'intérêt du groupe. Les sujets sont décidés par le groupe dans le rencontre précédent et discutés d'une façon plus approfondie dans le rencontre suivant. Ce projet a créé des pensées plus critiques liées au racisme et à nouvelles formes de apercevoir le monde au regard de ces hommes, a partir de ce rencontre entre les paires et la réflexion que le partage entre les gens d'ascendance africaine peut changer aux subjectivités des participants.

**Mots-clés:** Hommes Noirs, Santé Mentale, Racisme, Brésil, Aquilombamento

*Papo de visão, nossa construção  
Passa por saber quem somos e também quem eles são  
Não entrar em conflitos que não tragam solução  
Evitar a fadiga, não dar um passo em vão  
Quando todo campo de conhecimento é válido  
Só tem que o homem pálido  
Nos vende que somente o seu que serve  
Levanta-se a voz daquele que se atreve  
A expor seu desconforto mesmo que o sistema não releve  
Não é leve não, mano, pesado pique um fardo*



*Eu tenho amigos no outro lado, são exceções que eu tenho amor  
Mas se tem coisa que a escola não me ensinou  
É que o amor é indispensável em qualquer lugar que for*

Tiago ElNiño

## INTRODUÇÃO

Novas narrativas são necessárias na construção de poderes destituídos historicamente, possibilitando reconstruções inovadoras. Neste sentido, localizar o lugar de fala deste autor se faz importante: homem negro, advindo da periferia carioca e que desempenha a profissão de psicólogo na cidade de Brasília há 8 anos. O segundo alerta que se faz necessário é de que este artigo será escrito com base na análise das vivências coletivas das/nas rodas de conversas de Homens Negros de Brasília mediadas por mim no Restaurante Simbaz. Usarei de algumas referências bibliográficas, porém este não é a principal base de construção desta obra. Partindo destas premissas, tentarei expor uma lógica inversa da impessoalidade e do formalismo. Este artigo carrega em sua condução uma lógica coletiva, integracionista e vivencial. Coletiva pois será composto de falas e impressões dos diversos homens que já passaram pelas 18 rodas executadas até a presente data. Integracionista, pois muito do caminho percorrido até aqui depende de mulheres negras que apontam para um caminho coletivo de emancipação entre homens e mulheres, e que diversos homens negros iniciam tal caminho na atualidade. Vivencial, dando valor a sentimentos, experimentações diversas experiências culturais. Em nossas rodas temos a preocupação de que qualquer homem negro que chegue no espaço tenha direito a uma fala livre, da maneira que ele consiga se expressar. Temos um excessivo cuidado para que falas acadêmicas não inibam homens que não tiveram acesso à academia.

Bem-vindos e bem-vindas!

## PORQUE RODA SÓ DE HOMENS NEGROS?



Esta é uma pergunta direcionada a diversos homens que participam das rodas. É importante lembrar que o movimento de homens (em sua maioria homens brancos) que discute masculinidades não é algo tão questionado assim. A revista do Correio (Jornal Correio Braziliense de 18/09/2019) teve como capa a matéria “Para se libertar da masculinidade tóxica”, que trazia o fenômeno crescente de grupos de homens que se reúnem para falar sobre sua condição de gênero. Este parece ser um movimento aceito socialmente, inclusive por seguimentos de mulheres críticas à tal chamada “masculinidade tóxica”. Porém, devemos chamar atenção para o fato de vivermos em uma sociedade racista em sua estrutura e, no caso da estranheza e das indagações sobre homens negros estarem reunidos, podemos deduzir que o lugar do pensador, do homem reflexivo diante da sua condição dupla (homem e negro) seria um lugar não pertencente a este tipo, marginalizado pelo imaginário social.

Se o lugar do violento, insensível, dominador, apático é atribuído geralmente ao homem; ao homem negro recai um imaginário bem mais perverso, podendo inclusive ocupar o lugar de bandido ou estuprador (DAVIS, 2016, p. 194, 199 e 200). Não estou querendo dizer que homens não são violentos e que não devam ser responsabilizados por sua postura machista - o que chamo atenção aqui é para um recorte masculino da raça negra brasileira, que sofreu imposições políticas e sociais advindas da história do Brasil. O homem negro que foi escravizado junto com a mulher negra foi tido como uma mercadoria cobiçada pelos senhores de engenho que nos tratavam como animais e não humanos. Este tipo de homem desenvolveu formas de sobrevivência e foi logo depois inserido em perspectivas colonialistas que ao mesmo tempo que queria sua mão de obra e controle de seu corpo, também o queria matar. Na tentativa de elucidar o racismo por aqui, é importante chamar a atenção para o fato de que a história se dá em processo contínuo e de que na história do Brasil não começa em 1500, e sim tem a chegada dos portugueses em terras indígenas nesta data, contam-se 519 anos até a presente data, onde 388 anos foram de regime escravocrata legalizado.

Não é um tema fácil de expressar, uma vez que a sociedade brasileira não se vê como racista. Políticas de embranquecimento e construções intelectuais baseadas em mitos deram ao Brasil (nacional e internacionalmente) a ideia de que somos um povo de bem com



a vida, feliz e que sabe sambar. A imagem que Carmem Miranda exportou para o mundo ajudou a construir uma ideia de “diversidade cultural”, porém quanto mais tal diversidade abarca a tez branca melhor - vide a “diversidade” da TV brasileira. Imagens do Brasil no exterior são expostas com índios de arco e flecha nas ruas, mulatas com bundas imensas sambando e pessoas brancas e negras sorrindo em bares. Mas a realidade é bem diferente ao nos debruçarmos sobre as estatísticas dos veículos que estudam violência e nos mostram um panorama que diverge da imagética sambista feliz. Para não nos delongarmos no assunto, apenas quero relatar os dados de morte por homicídios no Brasil, que chegam a alarmante cifra de 65.502 mortes em 2017 (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019), tendo sido está a maior taxa de homicídios da história do Brasil que cresce entre o povo negro enquanto diminui entre os brancos. Desta totalidade de mortes, 91,8% são homens e 75,5% são pessoas negras. Tais dados deveriam ser base para diversas políticas públicas intersetoriais de combate ao genocídio do povo negro - porém, não é o que vemos na história atual brasileira. Governos de direita e de esquerda, mais liberais do que outros ou mais focados na economia, carregam o triste dado da mortalidade negra aumentar durante a sua gestão.

### A HISTÓRIA DA RODA DE CONVERSAS

A ideia da roda de conversas se deu a partir de um pequeno grupo de homens que tinha o desejo de conversar sobre si e o contexto social em que estavam inseridos. Em comum todos estes homens eram (são!) negros. A tentativa inicial para isso foi a formação de um grupo em um aplicativo virtual de troca de mensagens. Com o passar do tempo percebeu-se que não existia uma fluidez nas conversas e que apesar da facilidade de comunicação via teclado do celular, alguma coisa impedia o estabelecimento de laços naquele ambiente virtual. Tal grupo foi encerrado e uma nova tentativa foi iniciada também em dispositivo virtual - porém agora, um grupo menor com seis (6) pessoas. Este grupo continuou apenas com pessoas negras e continuou com a escassez de expressão escrita.

Eu falava da intenção que tinha de fazer um grupo de conversa para homens negros - até que no mês de agosto de 2018 o Restaurante Simbaz – Culinária Africana iria



comemorar 1 ano de abertura e ofertou uma semana de atividades relacionadas a cultura e reflexões negras. A pedido do Chefe e proprietário do Simbaz, Chidera Ifeanyi, fui convidado para facilitar uma roda de conversas sobre masculinidade negra com o tema: Ser Homem Negro.

Para mim, a roda seria uma construção coletiva com os participantes. Porém, no dia do evento, havia cerca de 50 pessoas que esperavam ávidas para ouvir sobre o tema - entre elas, pessoas brancas e algumas mulheres, o que eu particularmente não esperava. Iniciada a roda, falei que aquela atividade fazia parte das comemorações do restaurante e que todos teriam direito a fala, pois não se tratava de uma palestra, mas sim uma oportunidade de partilha. O grupo manifestou que seria importante dar continuidade na proposta e que pessoas brancas e mulheres não seriam o público de tal ação. Sendo assim, marcamos a próxima roda para o dia 26 de setembro de 2018. Nesta, apenas homens negros apareceram e começamos as discussões sobre formato, duração, criação de grupo no WhatsApp - assim o grupo ia se auto organizando para o ambiente ficar cada vez mais apto à troca de ideias e para nosso crescimento enquanto grupo. A partir da quinta roda os encontros começaram a ser quinzenais. O grupo tinha necessidade de estar junto em um período menor de tempo, e assim é até a data de hoje. A partir da sexta roda o grupo decidiu que os encontros seriam temáticos. De lá pra cá já discutimos sobre: Colorismo<sup>2</sup>; O que é ser negro no Brasil?; Saúde mental do homem negro; Mercado de trabalho; Paternidade; Pan-Africanismo; Mercado de trabalho, renda e negritude; Relacionamento inter-racial; pornografia; ancestralidade; afrofuturismo.

A cada roda obtemos uma nova aprendizagem e a certeza de que nós enquanto homens negros somos uma categoria diversa. Na maioria das vivências algo em comum: o sentimento do racismo advindo de diversas fontes. Entre uma fala e outra, o balançar de cabeças em sentido positivo vai gerando uma comunicação não verbal de entendimento e acolhimento. Nem tudo são flores, já tivemos momentos de discordâncias intensas e também de críticas de pessoas que não participam da roda e não querem contribuir para

---

<sup>2</sup> Sugiro texto de Aline Djokic: Colorismo, o que é, como funciona, em: <http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>



nosso fortalecimento. Não podemos perder o foco! Acreditamos em nossa emancipação dentro de um sistema racista. Jamais acreditarei que isso será ruim para as pessoas negras. Acredito que temos uma consideração a se fazer em diversas temáticas já apontadas pelas mulheres negras, enquanto povo negro na diáspora e que rodas como esta possam ser ações decoloniais e preparatórias para retomada do orgulho em ser um homem negro.

### FORMA DE FUNCIONAMENTO DA RODA

A roda sempre começa com a explanação de um contrato: o respeito a nossa diversidade, a guarda do sigilo e a tentativa de manter o espaço da roda como um espaço de acolhimento e bem-estar. O tempo de fala de 3 minutos foi estipulado na tentativa de alguns irmãos que tenha mais habilidade com a fala não se delongarem e tomar muito tempo da discussão. Quase nunca o mediador usa deste limitador temporal, geralmente os integrantes da roda conseguem desenvolver o assunto pertinente em um tempo hábil para o bom funcionamento do grupo.

Dado o contrato, a roda parte para uma apresentação coletiva, algo bem sucinto: nome, alguns falam a idade, o que fazem da vida e há quantas rodas participam. Aos que chegam pela primeira vez, estimula-se que digam, além do nome, como ficaram sabendo da roda. Após a rodada de apresentações, é aberto o espaço para recados, eventos e informes gerais que estejam ligados ao objetivo da roda: nos fortalecer! Também é estimulado que os integrantes tragam livros, falem sobre a obra e que o livro indicado circule entre todos os componentes da roda. A intenção deste momento com o livro é estimular a leitura de autores/autoras negros/negras.

Após esta introdução, o facilitador/mediador da roda abre a fala com uma breve explanação do tema seguido de alguma provocação. Os membros vão se inscrevendo e são inseridos em uma fila para fazerem uso da fala. É comum que algumas falas despertem a necessidade de uma réplica, o mediador quase sempre se mantém atento para não deixar tais falas interpelativas se delongarem. É estimulado que se façam perguntas também a fim de que algumas questões possam ser melhor exposta pelo falante. O ideal da Roda de Conversa é que ela adquira um movimento respeitoso, que o próprio grupo se mantenha



interpelativo e consciente que precisa falar, mas também precisa dar espaço para os outros contribuírem.

O grupo estipulou um tempo de fala de 3 minutos para cada pessoa, mas quase nunca o mediador precisa chamar atenção para o término do tempo. O grupo em geral consegue ser sintético e expor falas que levantam novas questões dentro de um tempo não delongado (salvo exceções).

Um outro papel do facilitador/mediador é cortar conversas bipolares (o termo aqui é usado para o sentido de dois polos e não o sentido comumente relacionado ao transtorno de bipolaridade), que são comuns entre membros que tenham a fala sedutora e que despertem algum feedback positivo ou negativo em outro membro. Tal fato também se dá entre membros da roda de homens que dominam ou estudam alguma temática específica e queiram se delongar sobre o tema. A interferência do facilitador/mediador se dá para a roda não perder sua estrutura coletiva e se tornar uma discussão bilateral ou unilateral. Alguns membros da roda têm vasto conhecimento acadêmico sobre determinados temas, e isso pode intimidar membros mais tímidos que “apenas” queiram divagar sobre o assunto. A imposição do saber acadêmico também foi uma forma imposta de segregação do povo negro, o facilitador/mediador deve estar atento para movimentações que possam inibir ou fazer com que outros membros se sintam aquém da conversa. Toda a literatura psicológica, sociológica e acadêmica se deu em um conhecimento embranquecido e inclusive pautando raça de uma maneira bem equivocada. A estrutura de ensino, transmissão e permanência escolar/universitária é baseada em modelos europeus e estar atento a movimentos sutis que podem parecer emancipatórios ao olhar acrítico pode na verdade estar atualizando práticas racistas em nosso meio, neste sentido, a roda tem o cuidado de estimular aquele homem que tem “apenas” a sua experiência de vida como contribuição para o coletivo.

É importante ressaltar que a Roda de Conversa não é um grupo terapêutico, mas que acaba tendo efeitos terapêuticos nos participantes. Tal diferenciação é importante devido a procura de indivíduos que podem chegar a roda para tratar de alguma questão emocional em específico – o que daria o caráter de uma terapia focal – e se frustrar. O grupo tem um movimento autônomo de levantar temas-problemas que impactam a vida de seus membros - porém, a solução destes temas-problemas se darão através de experiências que são



compartilhadas com os integrantes do grupo dos membros e não do manejo do facilitador/mediador para tal fim. Alguns membros do grupo relatam até o estímulo de uma certa angústia, uma vez que temas estruturantes de suas vidas foram levantados e não solucionados. Diante disso, enquanto um dos psicólogos que formam este grupo, recomendo a formação de redes entre os integrantes, para além da roda, e terapia individual. E por último – mas não menos importante – que continue vindo as rodas.

A liberdade de fala, a não associação a nenhum grupo político, religioso, partidário; a não assinatura de protocolos, de afazeres e a liberdade em poder chegar e sair a hora que quiser são até hoje outros elementos que fazem do encontro quinzenal uma roda de conversa e não um grupo terapêutico.

Adalberto Barreto (2011, p.23), na tentativa de demarcar proximidades e diferenças da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) com outras áreas do saber, nos faz lembrar similaridades com a Roda de Conversas de Homens Negros. O psiquiatra cearense elenca fatores que a metodologia promove uma ampliação do sofrimento humano com soluções grupais. Barreto chama atenção para processos que podem dificultar esta tentativa. Dentre eles, chama atenção para o narcisismo individual como imposição da verdade e o neocolonialismo que quer impor um modelo de leitura do mundo como dominação:

Um ponto de vista é apenas a vista de um ponto. Todo discurso e prática hegemônicos, predatórios, impositivos, controladores, etnocêntricos são verdadeiros empecilhos a ações colaborativas. Poder respeitar as funções dos outros é uma questão ética e cidadã, onde o outro é visto como um valor, um conhecimento a ser valorizado, integrado (BARRETO, 2011).

A roda é uma forma circular em que uma pessoa ao se expor, desperta identificações com o outro. Olha-se e se é visto por todos os participantes. Nem sempre é necessário a fala para se comunicar. Por vezes, o silêncio também é comunicação, como relata Sérgio Santos, um dos integrantes da roda de conversa em seu blog, no texto “Sobre a roda”<sup>3</sup>:

Não que a roda vá ser muito diferente sem a minha presença, porque eu aposto que deve ter gente lá que acha que sou mudo de tal calado que fico. Meu processo de absorção é diferente, fico na minha escutando e raramente dou uma contribuição. Sigo ali no meu

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://vemcomserginho.blogspot.com/2019/08/sobre-roda.html#more>>



processo de cura e fortalecimento. Juntando o bombardeio de falas e pensando como aquilo vai poder me ajudar dali pra frente.

E foi assim que eu aceitei participar da criação do primeiro evento comemorativo do dia da consciência Negra no meu trabalho. O primeiro evento em 20 anos de instituição. É isso que a roda tem feito: história!

Alguns homens passaram pela roda e nunca mais voltaram, enquanto outros frequentam assiduamente. Alguns recebem incentivos da família em participar enquanto outros se entristecem de ter pego um plantão no dia da roda. Ainda não tivemos a experiência de receber um irmão trans, mas a roda está aí, para qualquer homem negro que quiser chegar, somar e se manter aquilombado conosco. A “magia” acontece no coletivo e em nossa diversidade.

A roda ainda não tem um nome, mas já tem identidade. Seguimos ampliando as ideias com o sonho de cada cidade do Distrito Federal tenha uma roda como esta, pra isso, é necessário que homens negros que morem nestas cidades assumam o protagonismo e toquem mais rodas localmente, levando as dificuldades locais e as soluções para quem vive nas suas comunidades. Quem sabe um dia estas rodas poderão ser grupos focais para a retirada de pautas prioritárias para políticas públicas sobre homens negros. A gente sonha alto, aprendemos na escassez de recursos a se organizar nos fortalecer. Acreditamos que se apoiar nas práticas afrocentradas e populares possa nos dar pistas de emancipação e práticas diversas. Diversas práticas africanas usam da disposição em roda para encontros coletivos onde todos se olham e tem acesso as informações compartilhadas do encontro. A professora e escritora burquinense Sonbofu Somé diz:

Aqueles que moram no ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. Podem fazer isso apoiando, constantemente, uns aos outros. Cada um de nós precisa de algo para se segurar. É por isso que existem todas essas pequenas comunidades aqui e acolá – grupos de voluntários em questões sociais, grupos de apoio e todos estes pequenos grupos que perseguem objetivos em comum. São tentativas de recriar uma comunidade maior, que existia e foi destruída (SOMÉ p. 41, 1997).

As palavras de Sonbofu Somé podem nos parecer simples, mas ao mesmo tempo o “simples” encontro de diversos homens negros produz um efeito terapêutico de longo prazo. Participantes da Roda de Homens Negros de Brasília relatam que as falas expostas



nas rodas ressoam por semanas e acabam ressignificando comportamentos, modos viciados de pensamento e a relação consigo mesmo.

O grupo é diverso e tem livre acesso para qualquer homem negro que esteja disposto a refletir sua trajetória e a do povo negro em diáspora. Mais que um fim, a roda de conversa de homens negros é um meio para a reflexão entre gênero e raça que estes homens se circunscrevem e são vistos pelo mundo.

### **MASCULIDADES HEGEMÔNICAS E SUBALTERNIZADAS, NEGRITUDE E DIÁSPORA**

Negritude e diáspora (propositalmente grafo Negritude com letra maiúscula e diáspora com letra minúscula) são dois conceitos que caminham paralelamente. Um surge com a necessidade de valorização do povo preto após a colonização e o outro após uma retirada forçada – sequestro – de seres humanos do continente Africano, forçando rearranjos de sobrevivência numa terra que não era a sua originariamente. Intelectuais negros como Aimé Cesaire e Léopold Sedar começaram movimentos de valorização da identidade – denominada de negra pelos colonizadores – em África e na diáspora, conhecida como negritude. Neste sentido é que reflito os conceitos de diáspora e negritude como interdependentes na agência de existência negra como valor fora da continente mãe.

Uma vez que diversas formas de violência imposta pela diáspora foram impostas pelo colonialismo, movimentos de afrocentricidade se tornam salutar para as vidas negras. Uma das formas de violência colonial foi a destituição de famílias africanas que seriam trazidas para as Américas com o tráfico negreiro. RESTIER (2019, p. 31) nos mostra uma importante informação demográfica ao pensarmos na genealogia da formação social do Brasil: cerca de 4,8 milhões de pessoas escravizadas chegaram ao Brasil, sendo que a maior parte deste contingente era de homens.

No homem escravizado eram valorizadas suas formas físicas e outros aspectos que passavam uma ideia de saúde para seus compradores, além do julgamento de ser um bom reprodutor. A ideia de reprodução era baseada em prosperidade econômica, uma vez que quanto mais escravos se tinha, mais mão de obra disponível os senhores deteriam. Nos anos



finais do regime escravocrata a política de miscigenação começaria a ser implantada como tentativa de embranquecimento do Brasil. Cabe citarmos novamente Henrique Restier de forma integral:

Podemos notar que a ideologia da mestiçagem possui uma forte conotação sexual inter-racial, que, vinculada à potência sexual, atributo basilar da virilidade, se torna uma arena discursiva e prática de provações viris, servindo de alegoria colonial e nacional para homens e mulheres. É necessário destacar que além do amplo acesso dos homens brancos aos corpos das mulheres negras, mestiças e indígenas no período escravocrata, o inverso não era verdadeiro, ou seja, as mulheres do grupo dominante estariam supostamente salvaguardadas dos homens dos grupos subalternizados. (RESTIER, 2019, p.33).

Entendemos por masculinidades tóxicas um complexo aglomerado de comportamentos, modos relacionais, crenças e performances que constituem uma série de padrões adquiridos na história da construção social do homem ocidental. Tais padrões também formam uma subjetividade em relação ao que é atribuído e esperado do ser homem. Dentre alguns comportamentos esperados dos homens poderíamos citar: homem não chora; não brinca de boneca; não é sensível e tem sempre certeza do que está falando.

Ao mesmo tempo que a construção da masculinidade tóxica impõe comportamentos aos homens, também estipula o que não deve ser feito por estes; tudo o que é ligado ao feminino deve ser rechaçado pelos machos, causando um verdadeiro horror ao feminino e chegando a alucinar que “homem não veste rosa”. Eduardo Leal Cunha questiona se a chamada “crise do masculino” não estaria na ampla valorização do ambiente de trabalho pelos valores femininos, um ambiente historicamente dominado pelos homens. Cunha (Revista Cult, 2019) ainda aponta uma outra figura tida como negativo do masculino: o homossexual masculino. Tal reflexão é de certa forma corroborada por Veiga (2019, p.85) que questiona o lugar da “bixa” preta na economia do desejo.

O capital é uma face da colonização, seu prolongamento, sua consequência direta, sua sofisticação mercadológica. A preocupação dos capital-colonizadores contemporâneos está menos em explorar territórios geográficos e mais em colonizar territórios existências (VEIGA, 2019, p 85).

Alinhado com os padrões tóxicos, temos o conceito de masculinidade hegemônica. Trata-se de um espectro social mais amplo de classificação, que reconhece um predomínio



dos padrões na história, atribuindo características a determinado grupo que sustenta uma hierarquia social. Nem sempre seguida da lógica violenta, porém mantida pela força e com uma “ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (Connel e Messerschmidt, 2013, p. 245). Porém As experiências contidas nos grupos subalternizados demonstram outras formas potentes de viver, que inclusive levam ao conceito de masculinidade hegemônica uma característica flutuante; o homem desqualificado antigamente como “afeminado”, hoje recebe a alcunha de “metrossexual”, ainda assim a masculinidade hegemônica segue seu curso em subalternizar formas que possam desconstruir a estrutura institucional que impõe a segregação de outras vivências.

A masculinidade hegemônica é atribuída a um determinado grupo de homens, enquanto a masculinidade tóxica é referente aos padrões não harmônicos na estrutura social que alguns homens desenvolvem consigo e em suas relações. É importante ressaltarmos que pertencer ao grupo hegemonicamente dominante não lhe dá o caráter de tóxico. Hoje no Brasil é possível se entender por masculinidade hegemônica os homens brancos, heterossexuais, de classe média e cristãos. Esta última categoria inclusive hoje chegando a espaços institucionais de poder e desenvolvendo uma masculinidade complexa que alinha aspectos cristãos e machistas, e em alguns casos associação com o crime organizado. Homens que não estão dentro das categorias hegemônicas estariam em uma outra categoria de masculinidade entendida como subalternas ou subalternizadas (RESTIER, 2019, p.25).

Podemos também ter homens que pertencem a algumas categorias hegemônicas, porém não possuem o “combo” completo da hegemonia. Kimberle Crenshaw nos esclarece em seu artigo “Mapenado as margens: interseccionalidade, política de identidade e violência contra mulheres de cor” que: “A subordinação interseccional não precisa ser produzida intencionalmente; na verdade, é frequentemente a consequência da imposição de um fardo que interage com vulnerabilidades preexistentes para criar mais uma dimensão de destituição de poder”, desta forma a visão interseccional pode nos auxiliar nas diversas interfaces que homens brancos e negros e ainda homens negros e mulheres negras estão expostos no locus social, e como estas categorias que nem sempre são distribuídas igualmente nos darão pistas de enfrentamento ao racismo frente a outras pautas que se entrecruzam e formam o cenário complexo brasileiro.



Uma vez que as masculinidades hegemônicas contêm o grupo de homens que detêm o poder das instituições sociais e reproduzem padrões tóxicos de relacionamentos, prejudicando as pessoas próximas e a si mesmos, os homens negros são considerados uma espécie de não-sujeito diante dos homens brancos. O que me faz afirmar isso é uma construção histórica atualizada nos dados atuais. Sem me delongar, é importante lembrar que a escravidão trouxe milhões de homens que tinham uma expectativa de vida em torno de 35,5 anos (CARDOSO, 2008). Estes homens eram tratados como posse de senhores e senhoras de engenho e eram vistos como um substrato do que é humano. O Brasil se constituiu desta forma e tal regime que a época era considerada legal dentro do ordenamento jurídico durou 388 anos. É importante lembrar que apenas há 131 anos tal regime foi extinguido e isso deixou sequelas sociais em nossa sociedade. O que percebemos é uma atualização do regime escravocrata por meio das instituições de poder, desconfigurando o modelo inicial que permitia o açoite, as algemas e a morte e reconfigurando modos operativos de segregação que estruturam a ordem social como norma. Norma esta que vem desde a – falsa – abolição da escravatura sendo reorganizada por teorias religiosas, sociais, antropológicas e da criminologia científica para justificar os lugares subalternos que a população negra se encontrava e se encontra na atualidade. Desta forma, temos um imaginário operativo que percebe o homem negro como menor frente ao homem branco. Um meio eficaz de analisarmos tal afirmação são as propagandas e os noticiários populares. Geralmente, o homem branco está na publicidade ligada ao poder, status positivo, chefe de família, homem responsável, enquanto o homem negro é exposto como o delinquente, bandido, usuário de drogas, serviçal e lascivo. Ao corpo negro também é normatizado sequencias de tiros dados pelo Estado brasileiro sem a devida apuração dos fatos<sup>4</sup>

Esta pequena explanação tem a intenção de diferenciar processos históricos que deram a noção de grupo ao falarmos de homens brancos e negros - desta forma, colocar o grupo de homens negros dentro da categoria “masculinidade tóxica” seria enquadrá-lo na mesma categoria de “poder” que a maioria destes homens não tiveram. Pelo contrário,

---

<sup>4</sup> 80 tiros e o risco da impunidade no Rio de Janeiro, em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/politica/1554759819\\_257480.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/politica/1554759819_257480.html)



foram colocados na categoria de um homem menor, como afirma Frantz Fanon no livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008, p.70), e subalternizado pelos homens e mulheres brancas, por instituições e maneiras normativas executadas por aqueles que operam a hegemonia sócio-política. Este se torna mais um motivo pra roda de homens negros se debruçar nas vivências e discussões de homem para homem preto.

Atualmente, o Brasil tem a terceira população carcerária do mundo. A maioria desta população é formada por homens negros e, em conjunto a isso, também são os homens negros e jovens que mais são mortos por homicídios - chegando a ser apontado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado e na Câmara Federal<sup>5</sup> sobre a violência contra os jovens negros e pobres. Ambos os relatórios sugerem recomendações para a interrupção do genocídio em curso no Brasil, porém não se observa comprometimento e ações que executem tais apontamentos destas comissões.

Diante desta elaboração e estando na categoria de gênero masculina, o homem negro está na categoria de uma masculinidade subalternizada, o que faz a necessidade de discutir suas questões entre seus pares e propor soluções de e para seu próprio grupo étnico-racial. Qual seria o lugar destes homens sem poder? Deividson Faustino nos brinda com excelentes reflexões sobre um falso poder que os homens negros, por serem homens parecem adquirir, o título de seu artigo é um tanto explicativo: “O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. Dentre as reflexões de Faustino destaco aqui a racialização do homem branco e do homem negro. Enquanto ao homem negro está o lado pensante ao homem negro está o lado sexual. Pode parecer uma anedota, mas a música “Lá vem o negão”, do Grupo cravo e canela, que fez grande sucesso nos anos noventa exemplifica este pensamento. Destacarei apenas dois pequenos trechos da música por motivos de formatação do texto:

Lá vem o negão  
Cheio de paixão  
Te catá, te catá, te catá

---

<sup>5</sup> A CPI da Câmara dos deputados do Brasil iniciou seus trabalhos em março de 2015 e terminou os mesmos em julho de 2015. Já o Senado Federal instaurou a sua comissão, intitulada “CPI Assassinato de Jovens” em maio de 2015 e com término em junho do mesmo ano.



Querendo ganhar todas menininhas  
Nem coroa ele perdoa não  
Se ninguém soube lhe amar  
Pode se preparar chegou a salvação  
Só alegria, pode se arrumar  
Que chegou o negão  
(Grupo Cravo e Canela, Álbum Sabor de paz 1993)

## O TÉRMINO

Enquanto terapeuta sei que os grupos começam quando terminam. A cada roda de conversa realizada é possível perceber novas conexões se estabelecendo. Irmãos que queriam contratar certa mão de obra descobrem que um participante da roda executa tal serviço, pais de primeira viagem ao acabar a roda tomam uma cerveja com pais mais experientes para trocar ideias sobre filhos, recém divorciados perguntam para quem é casado como é. Estes são exemplos aleatórios que poderia exemplificar o processo reverberador de cada roda. As falas e a intimidade exercida em uma roda de conversa entre homens negros são de tamanha identificação que faz gerar laços fortes entre os participantes.

Alinhados por uma consciência racial que identifica as diversas opressões sociais imposta a este grupo de pessoas, parece que o contra ponto é dado como empuxo a partir do aquilombamento na mesma potência em que deveria puxar para baixo. Sabemos da importância e necessidade de estarmos vivos, saudáveis e inteiros e assim honrar e continuar a história de nossos antepassados.

Queremos construir laços fortes entre a comunidade negra e seguir rumo a possibilidades afrocentradas que irão nos libertar do julgo racista. A opressão colonizadora está em curso e identificamos isso em nossos corpos, toda e qualquer estratégia de emancipação deve ser comemorada na diáspora. Seguimos os sonhos afrofuturista que ainda não foi escrito, apagando Jerusalém da forma que nos foi imposta e pichando wakanda na árvore do esquecimento. Pois nós não esqueceremos o que fizeram de nós. Jamais!

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016

ATLAS DA VIOLÊNCIA. S BUENO, C NEME, H FERREIRA, D COELHO, PP ALVES, M PINHEIRO, Rio de Janeiro: IPEA–Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, 2019

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In RESTIER, Henrique e SOUZA, Rolf Malungo de (org). Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 2019. 232 p.

CAMAROTTI, Maria Henriqueta. Freire, Teresa CGP. BARRETO, Adalberto de Paula. (Org). Terapia comunitária integrativa sem fronteiras – compreendendo suas interfaces e aplicações. Brasília: MISMEC, 2011.

CARDOSO, Adalberto. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 80, p. 71-88, Mar. 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010133002008000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002008000100006&lng=en&nrm=iso)>. Access on 23 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000100006>.

CONNEL, Robert W. e MESSERCHMIDT, James W. – Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito, in Estudos feministas, Florianópolis – Janeiro-Abril de 2013.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

VEIGA, L. Além de preto é gay: As diáspora da bixa preta. In RESTIER Henrique e SOUZA, Rolf Malungo. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. Ed.Ciclo contínuo editorial, São Paulo, 2019.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE, Revista do Correio - Para se libertar da masculinidade tóxica, em 18 de setembro de 2019.

FAUSTINO (NKOSI), D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75.

SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.

*Recebido em: 30/09/2019*

*Aceito em: 30/10/2019*